



# O THALASSA

LISBOA, 24 DE ABRIL DE 1913

## "ELLE" E A IMPRENSA



"Biologicamente fallando" . . .

## QUEM ESTÁ CONTENTE?

Anda tudo zangado, anda tudo escamado, anda tudo levado de seiscentos mil Affonso Costas, ninguém se entendendo n'este labirinto político onde o paiz anda ás aranhas, não sabendo por onde entrar nem por onde sair, ajojado sob uma epidemia política terrível, amachucado por uma crise de caracter assustadora.

Quem está contente? Ninguém. E dizemos ninguém porque os retalhos humanos que andam de bochechinha alegre e olho luzidio de gozo pelos solavancos em que vamos vivendo, não podem ser considerados factores com opinião. Quando muito são berradores d'apertão.

Fallem os que representam alguma coisa na vida social portugueza, monarchicos ou republicanos, porque é tão medonha a embrulhada em que vivemos, que não são já só os principios estabelecidos que motivam o descontentamento; são os meios empregados, que provocam os protestos unanimes d'um paiz.

Quem está contente? Falle o povo — esse povo que moureja de sol a sol, em busca da cõdea dura para os filhos. Estará elle contente? Não. Não está contente, porque no misero casebre existem mais privações ao som da *Portugueza*, do que existiam ao compasso do *Hymno da Carta*.

Mudaram-lhe os symbolos do mando, mas não lhe mudaram as condições de vida. E elle na sua immensa maioria espalhado pelos serros e vallados, longe do bulicio estonteante da cidade, que só conhecia o Rei pelas estampilhas de que lambia o verso por 25 réis, passou a conhecer a republica pelo mesmo systema postal e com a mesma homenagem lambedora, por 2 1/2 centavos. Mudaram-lhe o nome ás coisas mas não lhe mudaram a capacidade do estomago. Tinha fome, continua a ter fome; era vassallo d'um Rei, passou a ser *soberano* subordinado a uma duzia de regulos. Ganhou no pezo da canga; e perdeu... na offerta do trabalho. Porque o machinismo social, como todos os machinismos, encrava-se com o desarrajo de qualquer peça que immediatamente vae affectar o funcionamento das outras. Assim aconteceu com o povo quando desaparafusaram do seu convívio as classes conservadoras, porque esses parafusos eram o capital. Chamaram-lhe *canastões* e obrigaram-nos a emigrar, e elles... foram-se, levando as beldas. As peças do machinismo ficaram desconjunctadas e o andamento encravado.

Quem está contente? Falle o commercio — o commercio que não tem fóra do seu balcão interesses pagos em vaidades ou em cambalachos inconfessáveis. Estará elle contente? Não. Não está contente, não pode estar contente, porque as surpresas diarias, o mau estar latente, os impostos triplicados, a diminuição na procura, vão reflectir-se no *Deve* confrangedor do balanço annual, que canalisa na maior parte dos casos para o Tribunal do Commercio a liquidação desesperada de uma vida de trabalhos e sacrificios. Os filhos verdes e vermelhos esgotados nos primeiros mezes da republica foram insufficientes para compensar as sedas azues e brancas prohibidas.

Quem está contente? Falle a industria — a industria que não tem lampada acesa, velando pelos monopolios amigos. Estará ella contente? Não. Não está contente, não pode estar contente, porque a paralyzação commercial, a desconfiança dos mercados externos, os encaergos esmagadores que a amachucam, a incerteza futura que a apavora e inibe de rasgar novos horizontes, de tentar emprehendimentos progressivos, de finalmente, desenvolver-se e viver, asphixiam-n'a.

Quem está contente? Falle a propriedade... Não, não é preciso fallar. Seria escarninho dirigi-lhe esta pergunta no momento em que ella recete a machadada mortal da contribuição arrasadora com que a pretendem enlerrar depois de a haverem reduzido a *coisa detida*... pelo seu dono.

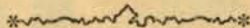
Quem está contente? Quem, senfindo os cravos da violencia, esmagando todas as liberdades, desde a Crença á Opinião? Quem, estrebuchando nas garras da desordem que esphacela desde a Tradição á Família? Quem, ouvindo o martellar sinistro que quebra todas as garantias, desde a vara da Justiça ás tabuas do Direito?

Quem pode estar contente, monarchico commodista ou republicano sincero? Estão-n'o os partidos organizados do novo regimen? Leia-se o que escrevem os seus jornaes, oiça-se o que dizem os seus oradores.

Estará contente o proprio sr. Affonso Costa, incarnação viva do existente? Não. Não está, porque sente o ruir dos alieceres demagogicos onde se assenta, porque ouve os rugidos do mar

tenebroso onde navega. Estará contente o proprio sr. França Borges, symbolo maximo das doutrinas desagonsadoras? Não, tambem não está porque... as hyenas são insaciaveis!

Ninguém está contente — monarchico ou republicano. E não ha symptoma mais afflictivo do que este para o futuro d'uma nação.



## IDIOTICE ASCOROSA

Os srs. republicanos tem muita piada. Tem mesmo um piadão! Agora deu-lhes a veneta para berrarem em todos os tons que os monarchicos desejam a intervenção estrangeira.

A idiotice tem tanto de infame como de ascorosa.

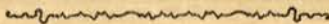
Onde estão esses monarchicos?

Vá, apontem-nos. Digam os seus nomes.

Ter-se-há, por ventura, aquelle conspicuo sargento da guarda republicana que declarou — *sem protesto dos seus correligionarios* — QUE ANTES A INTERVENÇÃO EXTRANJEIRA DO QUE A RESTAURACÃO MONARCHICA, passado para o campo realista ou algum dos seus admiradores que o applaudiram, sem nós sabermos?

Só um cataclismo d'estes poderia justificar até certo ponto a idiotice. Ah! *patriotas*... *patriotas*! N'um caso de perigo nacional quantos *heroes* nós teriamos que ir tirar debaixo da cama para obrigal-os a cumprir o seu dever!

Não é verdade, valeroso Brito, immortal Estevão, sympathico Borges e destemido Antonio Zé?



## "RELIGIÃO,, OBRIGATORIA

Um sr. deputado propoz ao Parlamento que o dia 20 d'abril fôsse feriado nacional, em homenagem á Lei da Separação.

Esta é de primeira ordem!

Então na Semana Santa não se podia inutilizar um dia de trabalho para ser agradável a uma religião — segundo o luminoso criterio dos democraticos — e para celebrar o *atheismo* podia-se decretar um feriado!

Por este andar ainda havemos de ter um *Cathecismo Affonso Costa*, por onde os srs. professores perguntem nas escolas:

— Quantas são as pessoas da Luminosa Republica?

— Tres: Affonso, Brito e Antonio.

— O Affonso é dono?

— E'.

— O Brito é dono?

— E'.

— O Antonio é dono?

— E'.

— Então são tres donos?

— Não. São tres lunares distinctos e um só dono verdadeiro: o Affonso.

Veremos, veremos se o Livre Pensamento ainda não consegue esta religião obrigatória!

## PLEBISCITO

### QUAL É O PARLAMENTAR MAIS "NONES"?

Não vale a pena esquecer  
No grupo dos Victorinos —  
O Pópe, valente Nones  
Da *troupe* dos bombardinos

DR. RATAZANA.

O senador Conselheiro,  
O calixto do Camacho,  
E' um Nones, mas que Nones...  
D'aquelles de bõta abaixo!

DR. PEVIDE.

P'ra socego de minh'alma  
Vou entrar n'esta eleição  
Dando ao João Nones da Palma  
Minha enorme votação,

GENTELIMPA (Palmeira).

Dez horas, vamos deitar,  
Mas ao tirar os chinelos  
Lembrei o meu voto dar  
Ao Estevão de Vasconcellos

NONES DA MATA... DO BUSSACO.

## RUFANDO TEZO

Um pamphleto republicano que tem o suggestivo titulo de *Cambada*, depois de dizer que o Sr. Affonso Costa *não tem feito senão dar patadas* (Oh!!!), escreven este mimoso bocadinho.

« Nas gazetas governamentais, os subujos que o Sr. Affonso Costa inspira, escrevem as mais descabeladas pacholices e fazem a defeza de todas as tratandas possíveis e imagináveis. E elle limpa o... á Constituição, escarnece dos chamados representantes do povo, amordaga a imprensa, encerra violentamente as collectividades operarias, prende gente á toa, exemplifica todos os dias o arbitrio e a tyrannia. Como elle é burro! E que maroteiras elle pratica.

Ha mezes o Sr. Affonso Costa foi á Imprensa Nacional e pariu, deante dos operarios, uma conferencia sobre syndicalismo. Fartou-se de dizer baboseiras e intrugices. O Sr. Luiz Derouet applaudiu-o com as lagrimas nos olhos, o Sr. França Borges quebrou os vataes com o entusiasmo, o Sr. Ribas d'Avellar engraxou as botas do Sr. Affonso, como prova de admiração. E o chefe do partido democratico, esclarecendo o extase d'aquellas bestas todas, julgou facil a tarefa de dictador.

UH!!!... Até causa calafrios! Mas não julguem que os rebuçados ficam por aqui. No final do artigo ainda he chama *estudista de pechisbeque e economista de cuca*!...

Que irreverencia... para a materia!

## OUVINDO OS INTELLECTUAES

«Recebemos a visita do sr. Hain-You-Kia, jornalista chinês, que anda pela Europa no patriótico empenho de interessar pela sua joven republica os intellectuaes do velho mundo. Pensa o sr. Hain-You-Kia em organizar aqui um comité interparlamentar, analogo ao que organisou e está funcionando em Paris, e nós parece-nos que a sua tarefa será extremamente facil. Agradecendo a amabilidade da visita, apresentamos ao illustre hospede os nossos cumprimentos.»

(Da *Lucta*).

O sr. Hain-You-Kia trazia na relação dos intellectuaes do velho mundo, o nome do sr. Brito Camacho, e assim que chegou a Lisboa dirigiu-se á redacção da *Lucta* em procura do chefe do partido unionista.

O illustre chinês subiu ao primeiro andar e quando estava hesitando por qual das portas do sumptuoso palacio deveria entrar em busca de director d'aquelle sympathico diario, vendo um homenzinho encostado ao corrimão, descuidadamente catando o peito pela abertura da camisa, dirigiu-se-lhe pedindo obsequioso:

— Diz-me onde está o sr. Kiamatchum ?



O eminente catador parou um momento na sua tarefa e, olhando mal humorado o seu interlocutor, relorquiu:

— E o que é que o cidadão lhe quer ?

— Trago aqui o nome d'elle apontado como sendo um intellectual e desejava ouvi-lo. Disseram-me lá fóra que o sr. Kiamatchum é pessoa de grandes bases scientificas...

— Scientificas, scientificas, não direi... Mas... Olhe, faça favor d'entrar.

O sr. Hain-You-Kia, acompanhado pelo seu guia, entrou n'um gabinete pequeno, onde grandes montes de livros e jornaes se encontravam adornando o chão.

— Obsequie-me então chamando o sr. Kiamatchum, sim ?

— O... elle... Son eu... Eu é que sou o Camacho...

— Oh!... Mas... Estava longe de suppr...!

— Nada d'incommodos, senhor... Como é a sua graça ?

— A minha qué ?

— O seu nome... a alcunhasinha por que o cidadão é conhecido ?

— Ah! Eu sou o Hain-You-Kia, jornalista chinês.

Muito gosto, muito gosto em conhecer o collega. Pois faz favor de se sentar e pôr-se á sua vontade. Nada de ceremonias... arrôte, cuspa... enfim o que lhe apeteecer...

— Oh!! Mas quem pensa o senhor que eu sou ?



— Ora essa! Então os senhores na China não arrotam? Nem cospem? Nem... Pois olhe eu acho uma maçada estar constrangido. Com

sua licença, sim? — e o eminente director da *Lucta* desabotoou o ultimo botão do colete e soluçou forte.

O jornalista chinês voltou disfarçadamente o rosto para o lado e logo que recuperou a serenidade necessaria declarou:

— Pois sr. Kiamatchum, eu vinha para...

— Para se inscrever na *União*, não é verdade? Com muito prazer. Já não é o primeiro chinês que cá tenho. Pois vem em excelente occasião porque nós estamos á bica do poder...

— Perdão, o fim da minha visita é outro... Desejava...

— Uma assignaturasinha da *Lucta*? Tambem serve. Um anno? Seis mezes? Provavelmente quer colleccionar o folhetim do *D. Qui-chote*? Aqui para nós que ninguém nos ouve, a ideia do folhetim foi por piada ao Affonso...

— V. ex.<sup>a</sup> está equivocado. A minha missão é diferente... Que-ria conhecer...

— O João de Menezes, aposto? Olhe meu amigo, eu vou fallar-lhe com o coração nas mãos. Aquelle pequeno foi durante muito tempo a minha esperança. Tinha-me habituado a elle quando era novo e, francamente, por mais desanimado que me encontrasse, o João tinha sempre forma de me dar energia. Mas ultimamente, desde que começou com o hysterismo...

— Repito que v. ex.<sup>a</sup> está equivocado. Eu venho por causa do comité interparlamentar...

— Ah! agora, entendo! Mas é justamente essa a minha especialidade. Olhe, para lh'o provar basta ver como eu manobro com o Affonso nas camaras. Provavelmente o amigo quer arranjar assim um combalchosinho lá na China e vem para eu lhe explicar...

— Ainda não é isso. Ora escute-me o sr. Kiamatchum um instante apenas. O meu desejo é de organizar um comité como está funcionando em Paris...

— Paris! Paris! Ah! meu caro collega, que recordações essa palavra veiu invocar no meu espirito?! Paris! Foi lá que eu soube o que era a vida, a verdadeira vida vista por todos os lados! Enfim, toda a medalha tem reverso, e a minha tem o reverso já bastante cheio de desilusões!... Perdõe, collega, perdõe este desabafo e continue... — e o sr. Camacho, vivamente comovido, limpou o nariz á manga do casaco.

— Em duas palavras exponho o resto. Esse comité tem por fim o estreitamento de relações entre a China e a Europa, e para conseguirmos esse desideratum muito útil nos será que os intellectuaes do velho mundo, como v. ex.<sup>a</sup>...

— Perdão, sr. Hain-You-Kia. Vejo que se enganou. Eu não sou do *Mundo*, sou da *Lucta* e nada quero com aquelles cavalheiros. Comprehende que depois do que se tem passado entre mim e o Borges...

— O Borges?! Não conheço...! Não sei...

— Pois não me fallou nos intellectuaes do *Mundo*? Intellectuaes?! Mas certamente é porque o meu amigo os não conhece! Olhe que são burrissimos...

— Ha certamente um novo equivoco. Eu refiro-me aos intellectuaes europeus...

— Ah! Ora... eu pensava... Pois ainda bem, porque então não tinhamos nada feito. E' então um comité para estreitar relações com a China?

— Isso mesmo.

— Mas é extremamente facil...

— Tem então este paiz muitos intellectuaes?

— Este paiz é modo de dizer. A republica, o partido republicano, esse sim. Creio mesmo que não ha outro igual em toda a Europa.

— Queira então ter a bondade de me indicar alguns, sim?

— Ora essa. Olhe, aponte lá já d'entrada esta meia duzia: Rodrigo Rodrigues, Nunes da Matta, Gastão Rodrigues, Celorico Gil, Thomaz da Fonseca, Souza Junior...

Minutos depois o Sr. Hain-You-Kia retirou-se da redacção da *Lucta* e no dia seguinte dirigiu-se ao ministerio do Interior a continuar a sua tarefa, conforme o apontamento fornecido pelo Sr. Brito Camacho.

Mas o Sr. Rodrigo Rodrigues pediu ao illustre chinês que esperasse um pouco enquanto elle attendia á correspondencia verbal e... o Sr. Kia fugiu espavorido n'essa mesma tarde, no *Sud-Express*, anotando na sua carteira.

— Ouvi dois e chegou-me para ficar perfeitamente inteirado.



“LIBERDADE DE PENSAMENTO,”



O THALASSA: — Olha o teu cão fiel da opposição que defendia e guardava os sagrados principios.

O ZÉ: — É verdade! Defendia-os para agora os poder caçar! Como eu fui comido... O cão é, afinal um gato!!!



O velho republicano sr. Feio Terenas, que toda a sua vida trabalhou pelo ideal republicano, protestou no Senado contra o assalto praticado pelos carbonários da Covilhã ao nosso collega *Democracia*. E' claro que o sr. ministro do Interior disse-lhe que não tinha nada com isso (está visto!) e o sr. Estevão protestou indignado contra a attitude do sr. Terenas.

Muito bem, assim mesmo é que é. Talvez o sr. Terenas quizesse que os assaltantes fossem incomodados?  
Ora francamente é demasiada ingenuidade! Que os illustres cidadãos fossem já premiados é que S. Ex.<sup>a</sup> devia ter proposto se quizesse estar nas graças...

O sr. ministro das finanças declarou no parlamento que o *deficit* está reduzido a 1.500 contos.

Pudera! Pois elle ficou todo a cargo dos proprietários.  
E o melhor agora, para lhe acabar com o resto, é arrumar com esses 1.500 contos no imposto de consumo.

D'esta forma liquidada-se tudo: o *deficit* e os portugueses.  
Ficará só o sr. Estevão isento d'impostos, porque a bôlota não é genero tributado.

E' boa!

O sr. dr. Alfredo de Magalhães, digno correligionario do sr. Theophilo Braga, disse em Aveiro que os ministros das Colonias a quem tinha chamado incompetentes eram os da Monarchia.

E' boa! E' mesmo muito boa, porque além de outros inconvenientes... no tempo da Monarchia não havia ministros das Colonias! Eram da Marinha e Ultramar. Assim lhes devia portanto ter chamado se fôsse a elles que se referisse. Mas não foi, como bem claramente consta das suas conferencias.

Oh! senhores, e não ha um raio...

D. de B.



As nossas homenagens...

## SEMPRE BEBENDO...

O sr. dr. Alexandre Braga declarou ha dias no tribunal de Santa Clara que bebera o seu republicanismô no leite que mamára. Muito bem. Por occasião do anniversario da pequena Separação, (tão pequena e tão brejeira), S. Ex.<sup>a</sup> declarou o seguinte que recorrimos do *Diario de Noticias*:

«Elle, orador, bebeu no leite o espirito combativo que o animou atravez todas as vicissitudes da vida!»

Já tivemos occasião de ver o illustre republicano beber para alimentar o fogoso verbo da sua eloquencia e não ha duvida de que quanto mais S. ex.<sup>a</sup> bebe melhor e mais desembaraçadamente falla. Até no leite elle bebe!!!...

Pelo que vemos o sr. Alexandre Braga a qualquer parte onde vá não faz senão beber... beber...

Vá pois S. Ex.<sup>a</sup> beber... para onde melhor lhe saiba.

## “NONISMOS”

Do depoimento do sr. Afonso Costa no julgamento do sr. Abel de Campos:

«Na noite em que fui preso, conduziram-me ao antigo quartel da guarda municipal, no Cabeço de Bola. O calabouço que me destinaram não tinha janelas e era totalmente desprovido do mais rudimentar conforto.

«O asphalto glicial, as *correntes de ar*, humido e gelado, para quem, como eu, tem certa predisposição para as doenças do aparelho respiratorio, não podiam deixar de produzir o seu natural effeito.»

Por mais que matutemos não ha maneira de concluirmos como é que no quarto do sr. Afonso Costa que não tinha janela, havia *correntes d'ar, humido e gelado*.

Como diabo seria isto?  
Mais um concorrente ao sr. Nônes.

## VISTA DE LYNCE

O Sr. Borges — aquelle que é director da typographia do sr. Grandella — informava ha dias no jornal que os emigrados realistas estão outra vez na Galiza conspirando.

E' damnado para vêr! Mas d'onde descobriria elle tão tectrico caso? Se calhar foi d'algum observatorio ferrugialesco!

## AS IMPRESSÕES DE S. EX.<sup>a</sup>

«Chegou a Lisboa o nosso presado amigo e illustre ministro de Portugal em Londres, Manuel Teixeira Gomes. S. ex.<sup>a</sup> vem passar a Portugal dois mezes, fuidos os quaes voltará a occupar o seu posto diplomatico, em que se tem havido por maneira a prestigiar a Republica e o Paiz, sem dizer que tem ali uma situação pessoal que grandemente o honra.»

(Da *Lucta*).

Fomos procurar S. Ex.<sup>a</sup>, que teve a gentileza de nos receber optimamente embora com as reservas usadas sempre pelos grandes diplomatas.

Dentro dos limites a que obriga a sua situação desejavamos conhecer as impressões colhidas por V. Ex.<sup>a</sup> no desempenho do seu alto cargo — começamos nós depois de termos recusado um piresinho com figos passados que o Sr. Teixeira Gomes obsequiosamente nos offereceu.

S. Ex.<sup>a</sup> ficou uns instantes como que reflectindo na nossa pergunta e por fim descreveu com a mão direita um gesto vago.

Comprehendemos a forma diplomatica da resposta e começamos então inquirindo cautelosamente por partes.

— Que tal se dá V. Ex.<sup>a</sup> com os nevoeiros?

S. Ex.<sup>a</sup> franziu o nariz.

— E com respeito aos resultados d'aquelle seu celebre manifesto dirigido ao povo inglez?

S. Ex.<sup>a</sup>, com a fina reserva das chancellarias, limitou-se a revirar os seus diplomaticos olhos nos bugalhos, suspirando fundo.

— Ninguem melhor do que V. Ex.<sup>a</sup> nos poderá informar da sympathia que o povo inglez dispensa ás novas instituições portuguezas.

S. Ex.<sup>a</sup>, com uma finura verdadeiramente bismarkiana, trincou um figo algarvio e engoliu em secco.

— Não queremos incomodar mais V. Ex.<sup>a</sup> mas permita-nos ainda duas perguntas. Aquella trapalhadasinha do lenço de rendas de Peniche...

S. Ex.<sup>a</sup> não nos deixou terminar, e mettendo o indicador na boca começou a chuchar no dedo.

— Perfeitamente. E sobre a entrevista do Sr. Theophilo Braga o que pensa V. Ex.?

S. Ex.<sup>a</sup> ergueu-se então vivamente impressionado; e escorregando n'uma amendoa, cahiu sobre o tapete soltando uma exclamação pouco diplomatica.

Em vista do desastre retiramo-nos sem podermos obter outra resposta mais precisa.

## UM MIMO

Pergunta-nos um leitor, se já vimos um reclamo de uma alfayeria, com o retrato do sr. Correia Barreto vestido de militar?

Pois não haviamos de ver. S. Ex.<sup>a</sup> tem uma figura tão insinuante que até consola a vista e alluvia... o espirito.

Bem diz o sr. Brito Camacho: os militares conseguem coisas, que os pazanos nunca podem alcançar.

## GIGANTES &amp; PIGMEUS

## GLORIAS DO PASSADO



MARIANNO DE CARVALHO

Professor, jornalista, político, financeiro e parlamentar.

Immortalizado pelas brilhantes manifestações do seu pujante talento.

## "GLORIAS,, DO PRESENTE



GASTÃO RODRIGUES

"Inlustre" para lamentar, auctor do projector de lei da navegação de CABOTINAGEM, em que havia varias LÁCUNAS... Também está immortalizado...

## TALVEZ...

Recebemos estes espirituosos versos:

Fujamos d'illusões, porque a verdade,  
Manda Deus que se diga francamente;  
Não ha que ter esperança n'esta gente,  
São todos de equal capacidade.

Camachio, Antonio, Affonso e sociedade,  
E' firma já fallida decadente;  
Foi um ar que lhes deu, é voz corrente,  
Nos centros da vermelha liberdade.

Se os trez vão, *das malvas*, a caminho,  
N'um triste desengano de matar,  
O resto, muito embora espremidinho,  
E' zero, e em zero ha de ficar  
Então... com estas voltas, amiguinho,  
*Talvez a Beatriz possa cazar!*

SILVESTRE.

## O THALASSA

participa ao publico em geral e aos seus amigos em particular, que mudou os seus escriptorios para a Praça d'Alegria, n.º 35, 2.º andar, os quaes se encontram abertos todos os dias uteis (vidé folhinha thalassa) das 9 e 1/2 ás 6 da tarde, Fica portanto entendido, que é ali e só ali que se tratam todos os assumptos referentes ao mesmo semanario.

A secção de publicação d'annuncios está confiada ao agente exclusivo sr. Pedro Marinho, com quem podem ser realisados os respectivos contractos.

## THEATROS

**Nacional** — Com um acolhimento pouco vulgar no nosso meio, prosegue triumphalmente a peça de Malheiro Dias, *Inimigos* que constitue um dos bons trabalhos, ha muito ausentes n'aquella casa.

**Republica** — Amanhã é a festa de Luiz Cardoso, secretario da empresa d'este theatro. Representar-se-ha a *Sevêra*, cuja protagonista será desempenhada pela sr.ª Emilia d'Oliveira.

Dadas as muitas sympathias de que goza Luiz Cardoso é de crêr que a noite d'amanhã seja para elle uma consagração aos seus meritos.

**Gymnasio** — A *Conspiradora* está e estará na ordem do dia. Todas as noites ella atrahete successivas enchentes. O publico, admirando o grande trabalho de Mendonça Alves, prodigalisa factos applausos á sr. Lucinda Simões, a grande actriz creadora da protagonista.

**Trindade** — *Querido Agostinho* é tambem querida e apreciada pelo publico, que admira não só o trabalho, como os esplendidos scenario e guarda-roupa.

Marcha de vento em pópa.

**Apollo** — O *sonho dourado* continua a chamar ao antigo *Principe Real* enorme concorrência que se não cança de ver a interessante operetta.

**Avenida** — *Aleria* a revista predilecta do nosso publico que bem o demonstra enchendo a sala do Avenida todas as noites.

**Colyseu dos Recreios** — Com geral agrado prosegue na sua carreira gloriosa a grande companhia d'opera lyrica. Os espectadores todas as noites enchem a vasta sala do Colyseu.

## ANIMATOGRAPHOS

Os melhores, mais chics e de melhores fitas

**Olympia** — Rua dos Condes.

**Trindade** — Rua da Trindade.

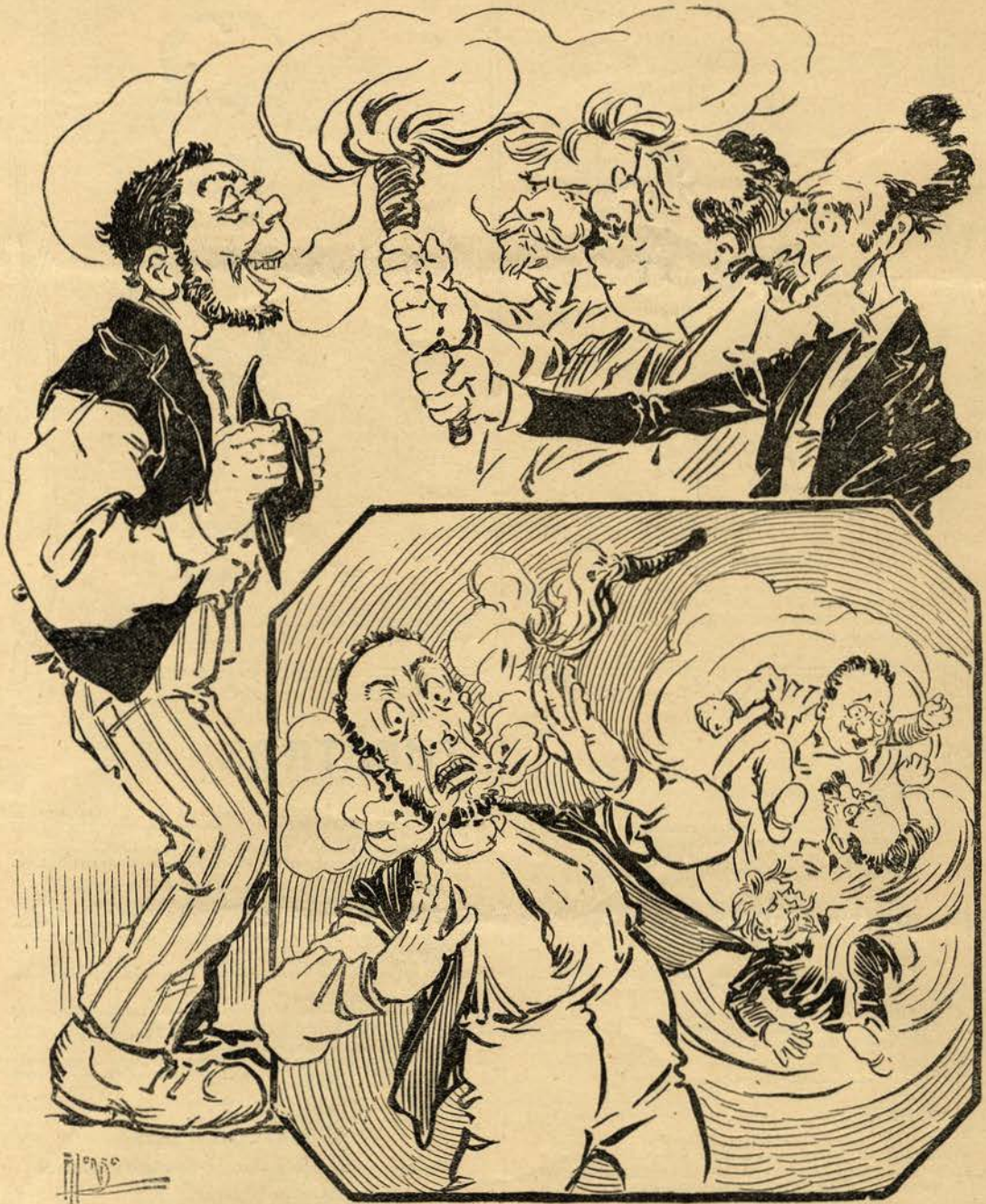
**Terrasse** — Rua Antonio Maria Cardoso.

**Central** — Avenida da Liberdade.

**Saão Avenida** — Avenida da Liberdade.

**Chantecler** — P. dos Restauradores.

## Deslumbrado pelos "luminosos"



Escaldado... com tanta "fróternidade"